

TEATRO DIDÁTICO: UM DIÁLOGO ENTRE A MATEMÁTICA E A ARTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Autor: Me. Hercules Gimenez

Instituição: Centro de Educação de Jovens e Adultos “Benedito Sant’Ana da Silva Freire”

E-mail: prof_goiaba@hotmail.com

Coautora: Esp. Cíntia Débora de Moraes Cinti

Instituição: Centro de Educação de Jovens e Adultos “Benedito Sant’Ana da Silva Freire”

E-mail: profcint@gmail.com

Resumo:

Nesse relato de experiência apresentamos uma reflexão sobre as potencialidades do teatro como recurso didático para ensinar Matemática a um grupo de alunos com necessidades educacionais especiais do Centro de Educação de Jovens e Adultos “Benedito Sant’Ana da Silva Freire”, município de Sinop/MT. Para trabalhar alguns conceitos básicos da aritmética produzimos um espetáculo teatral baseado na série de televisão mexicana “Chaves”, criada por Roberto Gómez Bolaños. O objetivo dessa prática pedagógica era melhorar o desempenho desses alunos em sala de aula através de uma ação educativa dialógica, que ao se utilizar da Arte para ensinar Matemática também se utilizou da Matemática para fazer Arte. Nessa relação, transversal e interdisciplinar, além das asserções de conhecimentos produzidas, a atividade teatral também favoreceu o processo de inclusão escolar dos alunos, que descobriram no teatro uma forma divertida de se expressar, ensinar e aprender Matemática.

Palavras-chave: Teatro; Ensino de Matemática; Inclusão Escolar.

1. Introdução

O Teatro constitui um importante instrumento de divulgação cultural, de transformação social e de formação intelectual, por esses e outros motivos, sempre esteve presente na educação escolar. Destacamos, nesse relato, duas abordagens didáticas do teatro comuns nas escolas: *A lúdica* e o *espetáculo*. A primeira tem como objetivo, segundo Miranda, *et al* (2009, p. 176), “[...] desenvolver as capacidades de expressão, relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção [...]” e a segunda, levar o aluno a desenvolver atitudes que melhorem seu desempenho escolar como: “[...] aceitação de regras, criatividade, autoconhecimento, senso crítico, raciocínio lógico, intuição [...]”, segundo Miranda *et al* (2009, p. 177). Ao trabalharmos o Teatro com alunos matriculados na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Benedito Sant’Ana da Silva Freire, utilizamos as duas abordagens mencionadas segundo seus objetivos, pois, além de buscarmos melhorias no desempenho escolar desses alunos, com relação à aprendizagem de conceitos matemáticos, também utilizamos essa ferramenta didática como instrumento de inclusão escolar. Para tanto, adotamos uma metodologia de

ensino pautada nos princípios da Educação Humanista na visão de Novak, buscando indícios de aprendizagem significativa, que segundo Moreira *et al* (1997, p. 19), “[...] é o processo através do qual uma nova informação (um novo conhecimento) se relaciona de maneira não arbitrária e substantiva (não literal) à estrutura cognitiva do aprendiz”.

Em sua Teoria de Educação Humanista Novak (1981) elucida que um evento educativo é composto por cinco elementos: professor, aluno, conhecimento, contexto e avaliação. Esses elementos se entrelaçam numa ação pedagógica de troca de significados (pensamentos) e sentimentos entre professor e aprendiz. O nosso evento educativo é, nesse contexto, entendido como um conjunto de práticas de numeramento que, segundo Fonseca e Simões (2014, p. 519), são “[...] práticas sociais envolvendo quantificação, medição, orientação no espaço, ordenação e classificação [...]” e, por se tratar de uma peça teatral, apresentaremos seus elementos da seguinte forma: professores e alunos do CEJA são público, atores e autores da peça teatral num contexto de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na perspectiva da Educação Inclusiva. O conhecimento matemático que permeia a peça teatral são conceitos básicos de aritmética como: números e operações fundamentais, tendo como atores sociais um grupo de alunos com necessidades educacionais especiais (NEEs). Dessa forma, o presente relato de experiência fica organizado em três tópicos:

O primeiro – O contexto sócio educacional do *CEJA* – apresenta o cenário da escola instituído como espaço de (re)construção de conhecimentos baseada nos princípios da Formação Humana Integral que, segundo Moraes (2013, p. 34) é “[...] um processo educacional que considere a formação científica, tecnológica e humanística, a política e a estética, com vistas à emancipação das pessoas”. O segundo tópico – Os atores sociais e seus personagens em cena – versa sobre o perfil dos atores/autores (atores, porque interpretam os personagens da peça e autores, porque são, também, os dramaturgos que ajudaram a escrever a peça e produzir o espetáculo), em suas especificidades, pois, são alunos com NEEs envolvidos num evento educativo com base nos princípios da educação especial que, segundo Brasil. MEC/SEESP (2007, p. 09), “[...] passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às NEEs de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação”. O último tópico – Um diálogo entre a Matemática e a Arte na Educação de Jovens e Adultos – corresponde ao elemento avaliação que compõe o evento educativo. Traz uma análise reflexiva sobre as potencialidades do teatro didático no ensino de Matemática com foco nos atores sociais, jovens e adultos, com NEEs, no sentido de motiva-

los para os estudos em sala de aula, elevar a autoestima, criar um ambiente de trabalho cooperativo entre os pares e valorizar suas produções científicas e estéticas.

2. O contexto sócio educacional do CEJA Benedito Sant’Ana da Silva Freire

A EJA, no estado de Mato Grosso, por orientação da Regra de Orientação Pedagógica (ROP)/2014¹, está organizada de acordo com o regulamento na Resolução 05/2011 – CEE/MT. Historicamente, essa modalidade de ensino é destinada a pessoas que, por inúmeros motivos, não puderam concluir sua escolaridade de caráter fundamental ou médio na idade prevista. Deste modo, assegurar a educação nessa modalidade, não se trata de tão somente garantir o direito de escolaridade a um indivíduo, mas sim compreendê-lo como um ser social dotado de habilidades e capacidades em estado de latência, suprimidos por uma realidade massacrante, dicotômica e excludente. Diante dessa complexidade elaboramos a seguinte pergunta diretriz: como assegurar essa oferta educacional para um público tão diverso, sem que estes percam seu entusiasmo por reflexo do passado permeado por fracassos? Ao buscar respostas a esse questionamento, nos deparamos com diferentes maneiras de se ensinar, preservando a essência, a motivação e a autoestima deste público. Trata-se de uma ressignificação da aprendizagem, de uma transformação do espaço sala de aula em um ambiente prazeroso em que é possível a aprendizagem significativa, cativante, envolvente e, principalmente, inclusiva.

O CEJA, fundado no Município de Sinop, através do Decreto Estadual nº 1874, de 25 de março de 2009, oferta a escolarização de nível fundamental (5ª ao 9º ano) e médio (1º ao 3º ano) a Jovens e Adultos a partir de 15 anos de idade. A escolarização ocorre trimestralmente, atendendo seu alunado em três grandes áreas de conhecimento: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias (CNMT); Ciências Humanas e suas Tecnologias (CHT) e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (LCT).

Desde a sua fundação, destaca-se por apresentar um caráter social e humanístico, tendo em vista os interesses emergenciais de seu público, não apenas pela escolarização puramente, mas também pela necessidade de inserir-se no mercado de trabalho ou desfrutar de condições de emprego com melhor remuneração. Atende, ainda, jovens em situações de risco, devido à desestruturação familiar e a marginalização social, ou ainda aqueles que

¹ Disponível em:

<file:///C:/Users/Ceja%20Prof%201/Downloads/5.1ROP%20EJA%20CAMPO%20SIMPLES%20-%202014.pdf>. Acesso: 12/05/2016.

buscam o CEJA pela oportunidade de participarem de uma proposta de ensino que prioriza a valorização pessoal, a motivação e a interação social, evidenciando uma aprendizagem dotada de significado, baseada na necessidade de um público extremamente heterogêneo, diverso e, ao mesmo tempo, em uma consonância perfeita com seus interesses. Nesse cenário encontramos, também, alunos que exigem uma leitura ainda mais sensível a respeito de seus anseios, interesses e necessidades. São alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e/ou superdotação ou altas habilidades.

A Educação Especial nos direciona a refletir sobre a importância em se permitir a participação plena desses alunos em salas de aula regulares, buscando o desenvolvimento de novas competências em igualdade de condições. A necessidade de participação ativa do público alvo da educação especial proporcionou diversas reflexões sobre a importância da ação docente, fazendo com que boa parte dos educadores do CEJA se sentisse responsável pelas condições de aprendizagem de todos os seus educandos, principalmente dos alunos com NEEs, desenvolvendo para tal, atividades em que pudessem agir como protagonistas, priorizando sua valorização, interação social e desenvolvimento.

Neste contexto, nasce o projeto: *A Educação Matemática através da Arte do Teatro*, como forma de estimular suas potencialidades e múltiplas inteligências, sedimentando sua aprendizagem e ampliando as possibilidades de obtenção de novos atributos intelectuais, sociais, pessoais e profissionais. Este público, não só favorece as inúmeras possibilidades metodológicas a seus educadores, mas enriquece o *chão escolar* com a diversidade de vivências, expectativas, anseios e necessidades, fazendo com que os educadores assumam o seu real papel enquanto mediadores e estimuladores de novas competências, deixando transcender a educação na perspectiva inclusiva, conceituada tão belamente por Maria Teresa Eglér Mantoan:

Ensinar, na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os seus níveis. A inclusão escolar não cabe em um paradigma tradicional de educação e, assim sendo, uma preparação do professor nessa direção requer um *design* diferente das propostas de profissionalização existentes e de uma formação em serviço que também muda, porque as escolas não serão mais as mesmas, se abraçarem esse novo projeto educacional. (MANTOAN, 2006, p. 54-55).

Foi abraçando esta nova perspectiva educacional, que o CEJA atraiu olhares de pais ainda mais preocupados e temerosos com a recepção e adaptação de seus filhos com NEEs no ambiente escolar. Pois apesar das práticas inclusivas, não havia ainda a estruturação de uma

forma complementar, ou suplementar de ensino. Com base neste aspecto é que foi elaborado em 2012, o Projeto de Implantação da SRM no CEJA, visando o atendimento dos alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento ou superdotação que ali estivessem matriculados.

Deste modo organizou-se, tanto o espaço apropriado para os atendimentos, quanto o primeiro contato com as famílias dos alunos (reunião realizada em 23/02/2012). Só então, a partir da anamnese, uma entrevista realizada pelo psicopedagogo com pais e professores dos alunos com NEEs, com o objetivo de colher dados significativos sobre suas histórias de vida, escolar e social, iniciou-se o processo de organização dos atendimentos. Uma caminhada de sucesso, na qual muitos progressos foram obtidos: projetos realizados, parcerias efetivadas, contato frequente entre pais e escola, entre professores da sala de aula regular e professores SRM. Todas essas ações (e outras mais) para atingir o objetivo do Atendimento Educacional Especializado: “[...] propiciar condições e liberdade para que o aluno com deficiência possa construir o seu aprendizado, dentro do quadro de recursos intelectuais que lhe é disponível, tornando-se agente capaz de produzir significado/conhecimento [...]”. (BRASIL. SEESP / SEED / MEC, 2007, p. 25).

3. Os atores sociais e seus personagens em cena

Teatro (do Grego: theatron) quer dizer: lugar para olhar. Nessa tradução poderíamos definir teatro como sendo o local onde se realizam os espetáculos, composto basicamente de plateia e palco. Mas num contexto complementar, teatro também pode ser entendido como uma arte híbrida, que congrega outras artes como literatura, encenação, música e dança. Composto por três elementos, chamados de tríade essencial: o texto, o ator e o público, Magaldi (1991) explica que a obra literária dramática é o ponto de partida para o espetáculo, porém, embora a peça seja a essência do drama, só será teatro quando encenada pelos atores e assistida por um público. “O fenômeno teatral não se processa sem a conjugação dessa tríade” (MAGALDI, 1991, p. 8).

Em nosso trabalho, até aqui, já apresentamos o cenário e o público a quem direcionamos o espetáculo. Resta-nos, agora, relacionar os conteúdos matemáticos abordados na peça teatral com as falas dos personagens interpretados pelos atores na comédia. A peça, inspirada na série de televisão mexicana *Chaves* criada por Roberto Gómez Bolaños, foi apresentada no dia 18 de outubro de 2013, em comemoração à Semana Nacional da Pessoa

com Deficiência Intelectual e/ou Múltipla, com o tema: Desafiando os limites, diminuindo as diferenças que, na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Sinop ocorreu entre os dias de 21 e 28 de agosto e no CEJA, na terceira semana de outubro.

O grupo teatral era composto por quatorze atores: dois professores e doze alunos, que, nesse trabalho, chamaremos pelo nome dos seus respectivos personagens na peça (em ordem alfabética), indicando a idade, a deficiência que possui, a turma em que estava matriculado e a área de conhecimento que cursava naquele trimestre:

Quadro 1: Perfil dos Atores Sociais

Ator/Personagem	Idade	Deficiência	Turma	Área de Conhecimento
Chaves	27 anos	Síndrome Down	1º Ano do EM	CNMT
Chiquinha	18 anos	Deficiência Intelectual	1º Ano do EF	CNMT
Dona Clotilde	70 anos	Deficiência Visual	1º Ano do EM	LCT
Godinez	20 anos	Deficiência Intelectual	2º ano do EM	CNMT
Jaiminho	21 anos	Deficiências Múltiplas	1º ano do EM	LCT
Nhonho	26 anos	Deficiência Intelectual	1º ano do EM	CNMT
Paty	37 anos	Esquizofrenia	2º ano do EM	LCT
Pópis	18 anos	Paralisia Cerebral	1º Ano do EF	CHT
Quico	28 anos	Deficiência Intelectual	1º ano do EM	LCT
Seu Barriga	23 anos	Deficiência Intelectual	1º Ano do EF	LCT
Seu Madruga	23 anos	Surdo	2º ano do EM	CNMT
Silvio Santos	18 anos	Surdo	1º ano do EM	LCT

Fonte: Diário de Classe da SRM.

Era um dia muito especial, todos estavam muito ansiosos. Tanto os alunos/atores (alunos do CEJA que compunham o grupo teatral), pela estreia do espetáculo, quanto os alunos/personagens (alunos da Escolinha do Chaves), pois na peça era dia de exame de Matemática. Os alunos/personagens estavam acompanhados de seus responsáveis. Nesse primeiro momento apresentamos ao público, a grande diversidade que encontramos no ambiente escolar, principalmente em si tratando da modalidade EJA. Com relação ao conceito de família, por exemplo, há alunos vivem com os pais biológicos, outros são adotados; alguns são maiores ou emancipados e já respondem por si; existem, também, aqueles que vivem sozinhos, como o Chaves, personagem central da peça.

Cada personagem tomou seu lugar na sala orientados por Dona Florinda (a professora da SRM), dando o exemplo ao público sobre a importância do respeito, e a necessidade do *cuidado* com esses alunos tão especiais. Em sua tese de doutorado, Santos (2014), pesquisando o tema violência no CEJA, nos fala desse *cuidado* citando Bedin (2006, p. 229).

“[...] O cuidado é a própria condição de ser, dos humanos (e vivos) e das instituições criadas, como a escola, para deles zelar. O amor alimenta a vida que explode na escola”.

Figura 2: Cena da Peça "A Escolinha do Chaves"

Era com esse cuidado que o professor/personagem (Professor Girafales) encaminhava as perguntas de aritmética aos seus alunos, que as respondiam, quase sempre, de forma equivocada, provocando risos na plateia. Em seguida, cada questão era explicada pelo professor, ou mesmo por um aluno, como no caso do Nhonho que, quando foi indagado pelo Mestre: “Nhonho, como calculamos a metade de um número?”, imediatamente, respondeu: “É só dividir esse número por dois!”. Na sequência, o Chaves, pensando que ele havia errado (pois todos haviam errado até então), diz: “Mas que burro! Dá zero pra ele Professor!” Cena que, apesar de engraçada no teatro, não tem a menor graça na vida real. Isso se chama bullying, pois todos nós erramos e devemos aprender com os nossos erros. Segundo Moreira (2010), o ser humano erra e ele aprende corrigindo seus erros, portanto, não há nada de mal em errar. Nas escolas, muitas vezes, ainda, na ânsia de ensinar verdades absolutas e eternas, punem-se os erros, ignorando-os como possibilidade de construção de conhecimentos.

Vamos apresentar, a seguir, quatro cenas do espetáculo e, na próxima página, comentar os erros cometidos pelos personagens, enquanto possibilidades de aprendizagem e não apenas como resultado final de uma prova:



Fonte: Autoria própria

Na primeira cena vemos a Professora da SEM, interpretando a Dona Florinda que, nesse dia, foi a *monitora* da sala para garantir o bom andamento da aula e dar segurança aos atores sociais que interpretavam seus personagens. Na segunda cena, uma aluna (Chiquinha) levanta a mão para responder uma pergunta de aritmética. “Se o Seu Barriga deve cinco meses de aluguel para o Seu Barriga e cada aluguel é de R\$ 100,00, quantos reais ele vai pagar?” E ela responde: “Nada, querido Professor. Meu pai é homem de palavra. Quando ele diz que não paga, ele não paga.”. Em seguida, na terceira cena, os alunos riem junto com a plateia pela resposta *errada* do Quico. O Professor pergunta: “Se o Nhonho tem doze balas e dá metade para o Chaves, com quantas balas ele fica? Ele continua com 12 balas?”, respondeu Quico “Porque ele é guloso e não divide nada com ninguém.”. Além do conceito de dobro e de metade de um número natural, foi trabalhado também, nessa questão, o conceito de dúzias e dezenas. Na última cena temos a entrada do Silvio Santos – empresário do SBT que trouxe o Chaves para a TV brasileira –, interpretada, mimeticamente, por um aluno surdo e observamos, também, o Seu barriga fugindo do Seu Barriga para não pagar os alugueis atrasados que, respondendo a pergunta feita para a Chiquinha (cena 2), anteriormente, somariam R\$ 500,00; podendo a aluna ter efetuado: $100+100+100+100+100$ ou 5×100 , trabalhando o conceito de multiplicação como uma adição de parcelas iguais.

4. Dramaturgos, cenógrafos e figurinistas: nos bastidores do espetáculo

Importante ressaltar que uma série de sequências didáticas precedeu o espetáculo teatral. Os alunos participaram ativamente na produção da peça (redação do texto) e do espetáculo (cenários e figurinos) que apresentamos no quadro a seguir, de forma resumida:

Quadro 2: Cronograma do Projeto “A Educação Matemática através da Arte do Teatro”

DIAS	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
16/09/13 à 20/09/13	Elaboração do projeto e apresentação da proposta à equipe gestora. Planejamento das atividades (metodologias de ensino e de avaliação).
23/09/13 à 27/09/13	Escrita da Peça Teatral, abordando conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais e confecção dos materiais didáticos.
30/09/13 à 04/10/13	Realização de jogos, brincadeiras e contação de histórias. Organização do elenco e realização dos primeiros ensaios.
07/10/13 à 11/10/13	Aulas temáticas sobre o conceito de número e operações fundamentais. Produção do Espetáculo: figurinos, cenário, sonoplastia, etc.
14/10/13 à 18/10/13	Ensaios, cuidados com os últimos detalhes para a culminância do projeto e a apresentação do espetáculo teatral.

Fonte: Autoria própria.

Como vemos, não foram apenas os ensaios que precederam o espetáculo. Foi um conjunto de ações pedagógicas articuladas no evento educativo como as aulas de Matemática em sala de aula regular, e as oficinas realizadas na SRM. Durante essas práticas foram produzidos jogos matemáticos e outros materiais didáticos, buscando desenvolver processos de *correspondência* e de *comparação* para, segundo Lorenzato (2008), melhor entender o conceito de número e das quatro operações. Na perspectiva desse autor, correspondência é o ato de estabelecer relação um a um. No mundo vida, antes e fora da escola, o aluno já faz correspondências como: relacionar, a cada dedo da mão direita, um dedo da mão esquerda. Na Matemática, a correspondência é necessária para relacionar a cada quantidade, um número cardinal; a cada número, um numeral e a cada posição, um número ordinal. E comparação é o ato de estabelecer diferenças ou semelhanças. Assim como a correspondência, a comparação faz parte da vida cotidiana do aluno. Comparação de tamanhos, cores, formas e quantidades. Na Matemática a comparação é fundamental para classificar (separar em categorias por semelhanças e diferenças), sequenciar (suceder a cada elemento, um com outro qualquer, sem critérios preestabelecidos), seriar (ordenar uma sequência segundo um critério), incluir (fazer abranger um conjunto por outro) e conservar (perceber que a quantidade não depende da arrumação, forma ou posição).

Um exemplo de atividade desenvolvida com os alunos na SRM, na perspectiva de desenvolver tais processos de correspondência e de comparação, foi a seguinte: Utilizando dez caixas de fósforo numeradas de 1 a 10 e um conjunto de cinquenta e cinco palitos de fósforos, propomos aos alunos que colocassem dentro de cada uma das caixas a quantidade de objetos correspondente ao numeral nela escrito. O objetivo dessa atividade era favorecer a integração da ordinalidade com a cardinalidade no conceito de número.

Fazendo uso da SRM do CEJA, foram confeccionados diversos jogos matemáticos, que variaram desde a junção de material descartável, como rolinhos de papel higiênico, caixas de leite, caixas de papelão, garrafas pet, vidros de conservas e tampinhas de garrafas. Em seguida, iniciamos a elaboração de tabuleiros, escrita numérica (manual e no computador), leitura sequencial, recorte, colagem e montagem de figuras, e, em seguida, desenvolveu-se diversas situações-problema fazendo uso do material confeccionado. Promoveu-se a exposição dos trabalhos para toda a comunidade escolar, demonstrando todas as habilidades desenvolvidas e as novas competências obtidas. Neste momento, permitiu a interação de todos

os alunos com ou sem necessidades especiais no uso (manipulando, brincando e jogando) desses materiais.

5. Considerações Finais

Proporcionar o ensino da matemática de modo lúdico aos alunos com NEEs vai muito além de um simples estímulo para tornar a disciplina mais atraente. A flexibilização do currículo, neste caso, é criar inúmeras possibilidades de se atender este público de acordo com suas peculiaridades e necessidade individuais. Deste modo, não basta que o professor tenha domínio e compreensão dos conteúdos matemáticos, é necessário ter a sensibilidade em observar e conhecer as habilidades e o nível de compreensão do aluno a respeito do que lhe é proposto, identificando se o conteúdo possui relação significativa com seu cotidiano para, a partir disto, adotar metodologias e estratégias capazes de ampliar as possibilidades intelectuais e de autonomia do aluno. Moreira (2010) elucida que o conhecimento prévio do aluno é a primeira condição para que ocorra uma aprendizagem significativa. Pensando nisto, organizou-se uma série de situações problema baseadas nas dificuldades mais acentuadas dos alunos com NEEs, como por exemplo, as quatro operações fundamentais.

Todas essas atividades culminaram no teatro baseado no seriado Chaves, em que cada aluno com NEEs pôde atuar interpretando um dos personagens da turma do Chaves. Durante os ensaios, todos se demonstraram receosos devido ao fato de que teriam que se apresentar para um grande público. Entretanto, percebia-se que as questões matemáticas, antes resolvidas com extrema dificuldade agora eram respondidas com naturalidade. Após três semanas de ensaios era chegado o *grande dia*, todos caracterizados de acordo com seus personagens, maquiados e prontos para atuar, momento este, em que as emoções afloravam-se inevitavelmente, deixando emergir também opiniões, sentimentos e sensações. Era emocionante observar o quanto estavam ansiosos por mostrar o fruto da dedicação e dos esforços desmedidos de cada um deles. O brilho no olhar demonstrava que toda a proposta havia sido significativa e que o trabalho valera a pena.

Dona Clotilde, 70 anos, nossa matriarca, transmitia uma verdadeira lição de vida, quanto ao seu entusiasmo e motivação, encorajando aqueles que timidamente adentravam ao palco. Quico, o mais *fuleiro*, desfilava com toda pompa o seu traje de gala. Já nosso protagonista, Chaves, deixava transparecer sua timidez através de suas bochechas rosadas. Posicionados em suas carteiras, a alegria contagiava todos os expectadores a cada interação.

Todos desempenharam seus papéis com desenvoltura, transmitindo a sensação de nunca tê-lo feito antes, todavia, sem deixar nada a desejar. Graciosos, finalizaram a atuação com agradecimentos e foram reverenciadas por todos os alunos expectadores, em reconhecimento não só por um trabalho bem sucedido, mas também, pelo exemplo em demonstrar ser possível aprender, independentemente de qualquer necessidade, Provando, ainda, que a sensibilidade somada às estratégias no ensino da matemática são aliados fundamentais para a construção de novos saberes. E quanto às estratégias: “Se uma pessoa não pode aprender da maneira que é ensinada, é melhor ensina-la da maneira que pode aprender”. (WELCHMANN apud JOSÉ; COELHO, 1999, p. 131).

REFERÊNCIAS

BEDIN, Silvio Antônio. **Escola: a magia da criação – as éticas que sustentam a escola pública**. Passo Fundo: Ed. Passo Fundo. 2006.

BRASIL. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação. Inclusiva**: Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso em: 29/03/2016.

BRASIL. SEESP / SEED / MEC. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado**. Brasília/ DF. 2007. 83p. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dm.pdf>. Acesso em: 30/03/2016.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis; SIMÕES, Fernanda Maurício. **Apropriação de práticas de numeramento na EJA: valores e discursos em disputa**. Educ. Pesq., São Paulo, v. 40, n. 2, p. 517-532, abr./jun. 2014. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v40n2/v40n2a14.pdf>>. Acesso em: 14/04/2016.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LORENZATO, Sergio. **Educação Infantil e Percepção Matemática**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao Teatro**. São Paulo: Editora Ática. 1991. 126 p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

MIRANDA, Juliana Lourenço; *et al.* **Teatro e a escola: funções, importâncias e práticas**. Artigo publicado na Revista CEPPG, Nº 20, 1/2009. ISSN 1517-8471. p. 172 - 181.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal *et al.* **Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno I: ensino médio e formação humana integral**. BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013. 51p.

MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa subversiva**. 2. ed. III Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa, Lisboa (Peniche), 11 a 15 de setembro de 2000. Publicada nas Atas desse Encontro, p. 33-45, 2010. Revisada e estendida.

MOREIRA, Marco Antonio *et al.* (org.). **Aprendizagem Significativa: um conceito subjacente**. Actas del Encuentro Internacional sobre el Aprendizaje Significativo. Burgos, España. (1997). p. 19-44.

NOVAK, J.D. **Uma teoria de educação**. São Paulo: Pioneira, 1981. Tradução de M.A. Moreira do original. A theory of education. Ithaca, NY, Cornell University Press, 1977.

SANTOS, Josivaldo Constantino dos. **A cultura do medo no cotidiano da escola: afetos, acolhimentos, violências, sofrimentos, como manifestações de um querer-viver societal**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2014. 206 f.